

CIÊNCIA E DESINFORMAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO

SCIENCE AND DISINFORMATION: THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF CLIMATE DENIALISM

CIENCIA Y DESINFORMACIÓN: LA CONSTRUCCIÓN DISCURSIVA DEL NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Tamara Hashimoto Natale De Moraes ¹

tamaranatale@gmail.com

Egle Müller Spinelli ²

egle.spinelli@espm.br

RESUMO

O artigo analisa a crise climática como um fenômeno complexo em que os impactos socioambientais, reconhecidos por instituições e pesquisadores renomados, são constantemente tensionados por forças estruturais do neoliberalismo e pelas lógicas da cultura do consumo (FRASER, 2024; FONTENELLE, 2017). Neste cenário, a desinformação climática emerge como uma ferramenta estratégica de grupos negacionistas, que utilizam as redes sociais para manipular sentidos e fragilizar o consenso científico. Adotando a análise de discurso (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2005), o artigo examina o episódio “Aquecimento global é uma farsa?” (2022), do canal Brasil Paralelo. Como resultado, identifica-se a presença de formações discursivas que desqualificam a ciência, constroem inimigos simbólicos e promovem a negação da crise climática.

Palavras-chave: Análise de discurso. Desinformação. Negacionismo climático.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP. Bolsista CAPES.

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP.

ABSTRACT

The article analyzes the climate crisis as a complex phenomenon in which socio-environmental impacts, recognized by leading institutions and researchers, are constantly strained by the structural forces of neoliberalism and the logics of consumer culture (FRASER, 2024; FONTENELLE, 2017). In this context, climate disinformation emerges as a strategic tool for denialist groups, who use social media to manipulate meaning and undermine scientific consensus. Drawing on discourse analysis (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2005), the article examines the episode “Is global warming a hoax?” (2022) from the channel Brasil Paralelo. As a result, it is possible to identify discursive formations that delegitimize science, construct symbolic enemies, and promote meaning reconfigurations aimed at reinforcing the denial of the climate crisis.

Key words: Discourse analysis. Disinformation. Climate denialism.

RESUMEN

El artículo analiza la crisis climática como un fenómeno complejo en el que los impactos socioambientales, reconocidos por instituciones y por investigadores de renombre, son constantemente tensionados por las fuerzas estructurales del neoliberalismo y por las lógicas de la cultura del consumo (FRASER, 2024; FONTENELLE, 2017). En este escenario, la desinformación climática emerge como una herramienta estratégica de grupos negacionistas, que utilizan las redes sociales para manipular sentidos y debilitar el consenso científico. A partir del análisis del discurso (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2005), el artículo examina el episodio “¿El calentamiento global es un fraude?” (2022) del canal Brasil Paralelo. Como resultado, se identifican formaciones discursivas que deslegitiman la ciencia, construyen enemigos simbólicos y promueven reconfiguraciones de sentido destinadas a reforzar la negación de la crisis climática.

Palabras clave: Análisis del discurso. Desinformación. Negacionismo climático

1 INTRODUÇÃO

As notícias sobre aquecimento global, eventos climáticos extremos, derretimento de geleiras, aumento do nível dos oceanos chegam às pessoas todos os dias, de diversas formas e com diferentes recortes (DEMARCHI, 2025). A crise climática representa, atualmente, um dos maiores desafios globais para a humanidade. No Relatório de Riscos Globais 2025, material divulgado anualmente pelo World Economic Fórum, os “eventos climáticos extremos” lideram os riscos globais dos próximos dez anos (WORLD, 2025). Já o risco relacionado à desinformação é apontado pela pesquisa como uma grande ameaça para os próximos dois anos. Esses são pontos convencionados como principais para que a sociedade trabalhe, pensando na regeneração do planeta e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A compreensão científica das mudanças climáticas tem raízes históricas e ganhou destaque com a criação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) em 1988, fruto de uma parceria entre a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Meteorológica Mundial (OMM). O IPCC tem como missão avaliar e sistematizar o conhecimento científico sobre o tema, abordando impactos, mitigação e adaptação (HISTORY, 2025). Entre os cientistas envolvidos, destaca-se o brasileiro Carlos Nobre, referência internacional por sua atuação no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Desde então, os Relatórios de Avaliação do IPCC tornaram-se documentos centrais no debate climático global.

Entretanto, compreender a emergência climática contemporânea requer uma análise que vai além da produção científica, incorporando também uma leitura crítica das dinâmicas estruturais do sistema econômico vigente e das relações humanas. Nesse sentido, Fraser (2024) argumenta que as contradições internas do neoliberalismo não apenas desencadearam sucessivas crises financeiras, mas também agravaram a crise ecológica, a crise dos cuidados e a crise da representação democrática. O capitalismo impulsiona o aquecimento global não por acidente, mas em virtude de sua própria estrutura (FRASER, 2024) marcada por uma lógica de acumulação ilimitada e pela desregulação estatal, intensificando os impactos ambientais negativos e fragilizando os

instrumentos institucionais de resposta à crise climática a favor de interesses das grandes empresas e de governos em detrimento da proteção socioambiental.

A crise climática atual é agravada por campanhas organizadas de desinformação, promovidas por grupos interessados em atrasar ações climáticas eficazes. Segundo Nobre et al. (2012), cientistas céticos ou negacionistas, frequentemente financiados por setores como a indústria de combustíveis fósseis, produzem conteúdos opinativos disseminados por mídias conservadoras. O avanço das redes sociais e o uso de inteligência artificial ampliaram o alcance dessas narrativas, dificultando a aceitação pública da ciência climática e a implementação de políticas de mitigação.

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender como campanhas e conteúdos de desinformação sobre a crise climática são construídos e circulam nas mídias e redes sociais, para identificar estratégias argumentativas, vozes de autoridade mobilizadas e seus efeitos na percepção pública e na ação coletiva voltada à resolução do problema. Para tanto, será realizada uma análise de discurso (AD) do episódio “Aquecimento Global é uma farsa?”, do podcast Conversa Paralela, produzido pelo canal Brasil Paralelo, reconhecido por sua linha editorial alinhada a discursos negacionistas sobre temas científicos. O conteúdo foi selecionado por apresentar uma longa exposição de argumentos voltados à desconstrução de dados e consensos científicos estabelecidos sobre as mudanças climáticas, reforçando narrativas desinformativas que contradizem as evidências produzidas pela comunidade científica internacional.

2 CRISE CLIMÁTICA EM DISPUTA: CONFLITOS, CONSUMO E NARRATIVAS

Atualmente o mundo passa por diversas crises e as mudanças climáticas se apresentam como uma das mais importantes (SASSEN, 2016). A crise climática contemporânea vai além da esfera ambiental e representa um campo de disputa profundamente enraizado nas estruturas sociais, econômicas e culturais do sistema capitalista global. Longe de ser um problema técnico ou natural isolado, ela é atravessada por conflitos que envolvem diferentes formas de produzir, consumir, governar e entender o mundo. Os embates não ocorrem apenas entre poderes públicos e

grandes empresas, ou entre cientistas e negacionistas, mas também na maneira como os padrões de consumo são socialmente construídos e politicamente legitimados e, até mesmo, no modo como se dá a construção das relações humanas.

Uma forte evidência para entendermos as relações humanas contemporâneas é o fato de que trabalhadores e consumidores têm desempenhado um papel cada vez menor nos lucros de muitos setores econômicos. Da perspectiva do modelo capitalista atual os recursos naturais de grande parte da África, América Latina e da Ásia Central são mais importantes do que as pessoas que vivem naquelas terras, na condição de trabalhadores e consumidores. Isso nos mostra que nosso período não é igual ao de formas anteriores do capitalismo que floresceram com base na expansão acelerada das classes trabalhadoras e médias prósperas. (SASSEN, 2016, p. 16).

Nesse sentido, a lógica da cultura do consumo desempenha papel central na atual dinâmica da crise climática. O estímulo ao consumo ético como uma das soluções possíveis para o enfrentamento da crise (FONTENELLE, 2023) é um argumento muito usado pelas empresas para compartilhar com a sociedade a responsabilidade de uma cadeia que é muito maior e problemática em sua estrutura de base. Para Fontenelle (2023) o processo da cultura do consumo exige que os bens sejam rapidamente comercializados e consumidos, assegurando a continuidade do ciclo produtivo sem interrupções. No entanto, grande parte dos debates atuais sobre consumo ignora as causas estruturais ligadas à lógica de acumulação do capitalismo, que “inevitavelmente sugere que as modificações ambientais se tornem mais profundas e mais extensas em suas consequências ao longo do tempo” (HARVEY, 2011, p. 68), focando apenas nos aspectos culturais, na responsabilidade individual e nos significados simbólicos dos produtos, sem também considerar os fatores econômicos que sustentam esses padrões.

O modelo de desenvolvimento econômico baseado em uma cultura de consumo massivo, estimula a produção contínua de bens e serviços que demandam altos níveis de energia, matérias-primas e uso extensivo de recursos naturais. A mercantilização de quase todas as esferas da vida transforma a natureza em mercadoria e os cidadãos em consumidores, criando uma relação de dependência entre a expansão econômica e a exploração social e ambiental. Este ciclo de produção e consumo desenfreado,

sustentado pela lógica de crescimento contínuo, entra em choque direto com os limites ecológicos do planeta e da sobrevivência humana, além de retratar um sistema cuja natureza implica devorar as bases naturais, políticas e sociais de sua própria existência, considerado o eixo comum a todos nós (FRASER, 2024).

Para Fraser (2024) essa crise do capitalismo não pode ser vista apenas como resultado de um estágio específico de desenvolvimento. Por trás das sucessivas crises que marcam as várias fases da história humana, atualmente, existe uma ameaça mais profunda: uma crise ecológica histórica, desencadeada pelo acúmulo secular de emissões de gases de efeito estufa (GEE), agora além da capacidade de absorção do planeta. O avanço do aquecimento global, a partir de processos de produção extrativista e do incentivo ao consumo, aponta para uma ruptura de escala inédita.

Dentro desse cenário, muitas das respostas apresentadas para a crise climática acabam por reforçar a lógica de mercado, concentrando-se em soluções que mantêm o consumo como eixo central. Fontenelle (2023) destaca como exemplo a promoção de produtos sustentáveis, tecnologias voltadas à compensação de emissões e a criação de segmentos de mercados “verdes” ou “responsáveis”. A produção da culpa do consumidor, em especial, é aderente a esse cenário mais amplo de crise e possibilidade de uma hecatombe ambiental (FONTENELLE, 2017).

Essas estratégias, em vez de questionarem as bases do modelo econômico pautado no crescimento contínuo e na solução de crises apenas deslocando ou aprofundando-as, nunca resolvendo-as de forma estrutural (HARVEY, 2011), acabam transferindo a responsabilidade pela emergência climática para as decisões individuais dos consumidores. Com isso, oculta-se a origem estrutural do problema e constrói-se uma expectativa de que as práticas de consumo com apelo ético, como a adesão a selos de responsabilidade social ou a preferência por cadeias produtivas consideradas justas, sejam suficientes para enfrentar um desafio que é, essencialmente, sistêmico.

Além disso, a disputa se manifesta na forma como o próprio discurso das mudanças climáticas é apropriado por diferentes atores sociais. Movimentos por justiça ambiental (FRASER, 2024) e social exigem justiça climática, redistribuição de recursos e transformação nos modos de vida. Setores empresariais buscam reconfigurar a crise como uma oportunidade de negócio, promovendo soluções que, muitas vezes, não

alteram significativamente as causas estruturais da degradação ambiental. Essa captura do discurso ambiental pelo mercado reforça a desigualdade, pois os custos socioambientais recaem de forma desproporcional sobre os países periféricos, as populações pobres e os grupos historicamente marginalizados - o espírito do capitalismo visa ao lucro, frequentemente desprezando os meios (HARVEY, 2011; DEMARCHI, 2025).

Por fim, a crise climática também é um campo de disputa epistemológica. O conhecimento científico, embora central para a compreensão dos fenômenos climáticos, é constantemente colocado em xeque por campanhas de desinformação, muitas delas financiadas por setores interessados na manutenção do status quo econômico e nos padrões atuais de consumo. Esse fenômeno não é um acidente informacional, mas uma prática intencional que visa manipular a percepção pública sobre as mudanças climáticas e os impactos ambientais causados por desastres naturais, como enchentes, secas e tempestades” (JESUS-SILVA, 2024, p. 125). A disputa das narrativas sobre a crise climática revela um esforço sistemático de setores econômicos e políticos para desacreditar a ciência e pesquisadores, enfraquecer as políticas públicas ambientais e prolongar a dependência de matrizes energéticas poluentes, sempre com foco na responsabilização do indivíduo (SUPRAN; ORESKES, 2021).

É preciso, assim, refundar os valores que sustentam o modelo social hegemônico e fundamentar um novo pacto socioambiental que se afirme contra esse modelo capitalista (DEMARCHI, 2025). Por isso, a crise climática deve ser entendida como uma arena de múltiplas disputas: entre capital e trabalho, entre desenvolvimento e sustentabilidade, entre consumo e conservação, entre conhecimento científico e negacionismo. Enfrentar esse desafio exige mais do que avanços tecnológicos pontuais. Requer também uma transformação estrutural que questione os fundamentos do atual modelo de produção e consumo. Essa transformação deve promover uma transição justa e democrática rumo à sustentabilidade socioambiental. É preciso pensarmos em um “novo humanismo” (DEMARCHI, 2025), que compreenda a sobrevivência humana como dependente da natureza.

3 A CONSTRUÇÃO DA DESINFORMAÇÃO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICA

O debate público sobre a crise climática (e outros temas) fica cada vez mais distante diante das dinâmicas estabelecidas nas redes sociais e nas relações contemporâneas. Mesmo com o fortalecimento do consenso científico sobre as mudanças climáticas, a partir da utilização de métodos cada vez mais avançados de análise de dados, por exemplo, e com mais de 99% da literatura científica revisada por pares corroborando com a agência humana nas mudanças climáticas (PINTO et al., 2024), é notável o crescimento e a disseminação de desinformação climática, principalmente nos últimos anos.

Essa dinâmica não pode ser dissociada de interesses econômicos e políticos que visam, principalmente, a proteção de setores industriais fortemente dependentes de combustíveis fósseis. A atual operação econômica mundial é consumista e operada por combustíveis fósseis (FRASER, 2024). Desde a década de 1970, grandes corporações do setor energético financiaram campanhas destinadas a questionar a validade das evidências científicas sobre o aquecimento global.

Atualmente metade das emissões de carbono responsáveis pelo aquecimento global têm origem na produção de combustíveis fósseis de apenas 36 empresas. Nos últimos meses, as maiores empresas do setor energético têm mantido o uso de combustíveis fósseis e algumas delas anunciaram “novo direcionamento estratégico”, que incluem a redução dos aportes em fontes de energia renovável e a ampliação de sua produção de petróleo e gás, com a meta de atingir entre 2,3 milhões e 2,5 milhões de barris de óleo equivalente por dia até o ano de 2030 (IGINI, 2025).

O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) é um dos maiores alvos de grandes processos de descredibilização, a partir de estratégias que visam desacreditar os estudos científicos e dados que comprovam que as mudanças climáticas estão avançando de forma agressiva. A retórica liberal de “se ouvir os dois lados” para garantir a liberdade de opinião permitiu que negacionistas climáticos com vínculo acadêmico ganhassem atenção da mídia brasileira (PINTO, et al., 2024) corroborando para o crescimento da desinformação e para a aprovação da sociedade a partir de um discurso moldado pela lógica da racionalidade de mercado.

Outro ponto é que o neoliberalismo comercializa as questões ambientais, transformando-as em oportunidades de lucro dentro da lógica do mercado financeiro. Instrumentos como o “mercado de carbono”, além de funcionarem como mecanismos de especulação, são acompanhados por campanhas de desinformação que desestimulam mudanças estruturais e mantêm o foco em soluções superficiais, favorecendo os interesses de grandes corporações (SANTINI et al., 2025).

Mesmo com dados, exemplos e informações que comprovam e sustentam a necessidade da mudança do sistema para uma tentativa de melhorar as condições climáticas, a operacionalização da desinformação sobre o tema ocorre por meio de diversas táticas comunicacionais. Entre as mais recorrentes destacam-se o “cherry-picking” (COOK et al., 2019), técnica relacionada à seleção arbitrária de informações, como estratégia para sustentar argumentos contra cientistas do clima e a propagação de teorias conspiratórias que sugerem manipulação de dados climáticos por instituições internacionais de grande credibilidade. Esses casos, geralmente são associados os vieses políticos, ideológicos e religiosos.

Um caso emblemático foi o episódio denominado “Climategate”, ocorrido em 2009, quando e-mails de pesquisadores do Climatic Research Unit (CRU) foram vazados e interpretados fora de contexto para sugerir a manipulação deliberada de resultados científicos. Diversas investigações independentes, realizadas posteriormente, isentaram os cientistas de qualquer má conduta, mas os efeitos dessa campanha de desinformação ainda reverberam na percepção pública. Esse vazamento de informações teve um efeito significativo sobre as crenças públicas em relação ao aquecimento global e na confiança nos cientistas. No entanto, a perda de confiança concentrou-se principalmente entre indivíduos com visão de mundo fortemente individualista ou com ideologia política conservadora (LEISEROWITZ et al., 2012).

No Brasil, o ano de 2020 representou um marco importante para a produção de conhecimento sobre mudanças climáticas e desinformação científica, o que coincide com o início da pandemia de COVID-19 no mundo (URBANO et al., 2024). Para Nemer (2018), a desinformação refere-se à divulgação intencional de informações falsas com o propósito de enganar, manipular a opinião pública ou favorecer interesses específicos. No campo do conhecimento científico, alguns autores apontam um tipo de

distorção informacional que leva a conclusões incorretas a partir de premissas inválidas, chamada pseudociência e/ ou ciência falsa, que pode ser resultado de tentativas de fraude do campo científico ou de subjugação da ciência a conflitos de interesses políticos (THALER; SHIFFMAN, 2015; GRECH, 2017).

Ainda pensando no contexto brasileiro, “conspiracionismo climático” ou “negacionismos climático” ganhou corpo com a voz de figuras públicas e influentes como a do jornalista Olavo de Carvalho, que questionava a veracidade do aquecimento global, associando-o a uma suposta conspiração comunista (URBANO et al., 2024); do geógrafo e ex-professor da USP, Ricardo Felício, e do meteorologista Luiz Carlos Molion, que em meados dos anos 1980 foi diretor associado do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), e depois mudou sua posição em relação ao tema.

Vale ressaltar também que mais recentemente, a desinformação sobre as mudanças climáticas é recorrente nos discursos públicos e políticos de figuras alinhadas ao movimento bolsonarista. Para Urbano et al. (2024), as escolhas para ocupação de cargos estratégicos, como o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, as conexões estabelecidas (com o próprio Olavo de Carvalho) e as declarações realizadas ao longo do mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro evidenciam a incorporação dessa pauta em uma agenda política estruturada e intencionalmente pensada.

Diante desse cenário, torna-se evidente que o enfrentamento da desinformação climática é um desafio urgente e multidimensional. Superar seus impactos requer não apenas o fortalecimento das instituições científicas e a regulação responsável das plataformas digitais, mas também o desenvolvimento de estratégias de comunicação que aproximem a ciência da sociedade. Garantir a integridade informacional no debate climático é, portanto, condição indispensável para a construção de políticas públicas eficazes e para a promoção de uma resposta social mais justa e coordenada frente à crise climática. Para avançar de forma efetiva no tema, é fundamental compreender e analisar em profundidade como os discursos e as estratégias de desinformação sobre o clima são construídos e disseminados.

4 A FARSA DO DISCURSO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL

A análise de discurso (AD) é “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito [...] a arte de refletir nos entremeios” (PÊCHEUX, 2008, p. 7). Desenvolvida por Michel Pêcheux (2008), teoriza como a linguagem incorpora a ideologia e como a ideologia se manifesta linguisticamente (ORLANDI, 2005). A análise do funcionamento do discurso tem como objetivo central explicitar a relação de poder entre o simbólico e o político. Esse processo demonstra como as relações de poder são estabelecidas por meio do discurso. Um dos pontos essenciais da AD é aprendermos a interpretar a realidade por meio de uma “camada opaca, ambígua e plural do texto” (ORLANDI, 2005, p. 10).

Orlandi (2001, p. 63) reforça que neste processo, “decidir o que faz parte do seu corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas”. Desta forma a análise a seguir tomou como corpus o episódio do podcast “Conversa Paralela” intitulado “Aquecimento Global é uma Farsa?”, produzido pelo canal Brasil Paralelo. O podcast segue um formato de entrevista informal, característico de produções voltadas para o público digital. A apresentação é feita por dois mediadores do próprio canal, que conduzem o debate com os convidados. No episódio em questão, participaram como entrevistados o ex-professor da USP Ricardo Felício e o professor Alexandre Costa. O ambiente do estúdio é visualmente planejado para transmitir um clima de descontração e proximidade com a audiência. A própria disposição do espaço com bebidas alcoólicas à mostra, iluminação intimista e ausência de elementos formais típicos do espaço acadêmico ou jornalístico, evidencia uma estética de conversa informal, ou um “papo entre amigos”. Essa configuração, no entanto, não é apenas uma escolha ao acaso, mas sim uma escolha estética e discursiva que produz efeitos de sentido precisos. Ao recusar os signos formais o programa constrói um efeito de autenticidade que trabalha como uma oposição simbólica à autoridade institucionalizada. Nesta construção revela-se um espaço que performa a ausência de hierarquia, deslocando as formas instituídas de legitimidade e reconhecimento.

Os convidados do episódio analisado são conhecidos por suas críticas ao consenso científico sobre as mudanças climáticas e por difundirem conceitos como o

globalismo. Destaca-se nesta edição do podcast, Ricardo Felício, meteorologista e ex-professor da USP, cuja trajetória é marcada por posicionamentos negacionistas. Sua notoriedade cresceu após sua participação, em 2012, no Programa do Jô, onde o debate sobre o aquecimento global foi o centro da conversa, e na oportunidade, ele criticou o IPCC, ampliando a divulgação de argumentos pseudocientíficos. Posteriormente, em debate na internet com o paleontólogo e zoólogo brasileiro e divulgador científico Paulo Miranda Nascimento, conhecido como Pirula, Felício teve suas fragilidades argumentativas expostas, reforçando a importância da comunicação científica na luta contra a desinformação climática.

O outro convidado é Alexandre Costa, escritor reconhecido por suas posições críticas ao consenso científico sobre diversos temas como as vacinas e por participar de debates públicos que questionam a legitimidade das evidências científicas sobre múltiplos temas, incluindo o aquecimento global.

A partir da aplicação da análise discursiva neste episódio, buscou entender como a linguagem materializa a ideologia e as relações de poder, com o intuito de compreender o funcionamento dos sentidos produzidos e os mecanismos sócio-históricos e ideológicos que os determinam.

5 FORMAÇÕES DISCURSIVAS E INTERDISCURSO NA DESINFORMAÇÃO CLIMÁTICA

O discurso apresentado no episódio em análise adota uma postura que se configura como um processo de esclarecimento e desmistificação de uma suposta farsa. Nessa lógica, os locutores se posicionam como detentores de um saber superior, assumindo o papel de ‘portadores da verdade’ que buscam conscientizar o público sobre uma verdade considerada incomoda e oculta. O que está em jogo não é a simples transmissão de uma mensagem, mas sim de uma verdade que é dita por poucos, uma verdade, que segundo os convidados do programa, tem fundamentação e comprovação, mas que ninguém quer revelar para público. A insistência em desmentir ou desacreditar a ciência sobre as mudanças climáticas, em praticamente todo o episódio, revela uma disputa discursiva pelo controle do significado.

Para eles, o que é reconhecido como ciência ou prova é construído dentro de uma lógica e de um posicionamento que visa dominar o mundo por meio da narrativa científica, tanto na escolha dos argumentos quanto na forma como esses são apresentados ao público. Frases utilizadas no episódio em análise transmitem a necessidade de a sociedade acordar para uma realidade que já está tomando conta das nossas vidas. Apenas para citar alguns exemplos: “tirar o CO² do planeta e diminuir a população”; “a mídia quer te enganar” e “há toda uma conspiração política por trás”. Essa retórica reforça a ideia de uma verdade oculta, mobilizando desconfiança, negação da ciência e teorias conspiratórias para influenciar o público.

Dessa forma, o discurso analisado insere-se em determinadas formações discursivas (FDs), que delimitam os enunciados possíveis e socialmente aceitáveis em uma conjuntura histórica específica. As formações discursivas são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em uma situação dada, em uma conjuntura dada (ORLANDI, 2005). De modo prático, as FDs podem ser entendidas como os conjuntos de regras e condições históricas, ideológicas e sociais que determinam o que pode ser dito, como pode ser dito e por quem pode ser dito em uma determinada situação social.

No episódio analisado, uma das FDs predominantes é a do negacionismo climático, que entende o aquecimento global como uma farsa ou um erro científico. Dentro dessa FD, afirmações como “a temperatura média do planeta é uma abstração”, ou “não há evidências científicas de que o CO² provoque aquecimento”, são legitimadas a partir de uma configuração discursiva que permite a desqualificação de modelos científicos reconhecidos, e que são tratados como mera imaginação ou enganação para a execução de um plano maior referente ao globalismo. Segundo Araújo (2019, p. 12), o “globalismo tenta formular, de maneira canhestra, uma espécie de nova religião, com esses pseudovalores, esses conceitos legítimos, mas que são extrapolados e transformados em ideologia – como os direitos humanos, como a tolerância, como a proteção ambiental, por exemplo”.

Outra formação discursiva no discurso analisado é a que apresenta o globalismo como ameaça, na qual a crise climática é interpretada como parte de uma estratégia de dominação global, assim como a agenda da diversidade, equidade e inclusão. Nesse enquadramento, o aquecimento global surge como uma ferramenta política, utilizada

para "reduzir a soberania nacional", "fortalecimento do poder do estado" e "restringir direitos individuais". Expressões como "engenharia social" e "totalitarismo" são mobilizadas para reforçar a ideia de que a agenda ambientalista integra um projeto maior de transformação social forçada, conduzido por elites globais, representadas pelas famílias tradicionais como Rockefeller e Gates.

Outra FD observada é a da resistência e desmascaramento, na qual os próprios locutores e seus apoiadores se posicionam como aqueles que detêm a 'verdade oculta' ou que 'acordaram para a verdade'. O sujeito discursivo aparece como alguém que 'não tem como acreditar' nas versões oficiais e, assim desmascara mentiras e sofre perseguições ou tentativas de cancelamento por parte de setores hegemônicos, da imprensa e da academia. Essa formação constrói uma polarização discursiva entre nós (os conscientes e esclarecidos) e eles (os manipuladores e enganadores), relação essa que é sustentada durante todo o discurso.

Para Orlandi (2005), todo esse processo discursivo se apoia em um interdiscurso, ou memória discursiva, formado por saberes que já circulam na sociedade e que influenciam a produção de sentidos. Essa memória não vem apenas de aprendizados formais, mas é marcada por ideologias e elementos inconscientes, sendo repetidamente reforçada ao longo dos anos nas manifestações públicas dos propagadores deste tipo de narrativa, incluindo os próprios entrevistados.

Um aspecto relevante do interdiscurso é o uso de teorias da conspiração, nas quais entidades como o Clube de Roma e eventos como o Event 201 são mobilizados para sustentar a existência de uma 'Nova Ordem Mundial', supostamente controlada por pessoas influentes como banqueiros e empresários.

Por fim, o discurso também faz conexões com críticas à indústria farmacêutica e à medicina moderna, especialmente vinculando a Fundação Rockefeller a projetos de manipulação global, reforçando a ideia de que até mesmo a ciência estaria subordinada a interesses ocultos e ao apelo a narrativas distópicas, com menções frequentes a obras como 1984 e Admirável Mundo Novo, utilizadas como metáforas de controle social e manipulação comportamental.

Contudo, a função discursiva vai além da ilustração literária: trata-se de um sequestro simbólico de referências da cultura e da literatura, cujo prestígio é capturado e

reorientado para produzir sentidos específicos. Ao evocar essas obras, o discurso negacionista aciona uma memória discursiva, no sentido que Orlandi (2005) atribui ao interdiscurso, já estabelecida no imaginário coletivo: a do Estado totalitário que vigia, controla e manipula seus cidadãos. Essa memória, previamente construída e reconhecível pelo público, é deslocada de seu contexto original, onde a crítica literária aos regimes autoritários é reconfigurada para nomear o presente: as instituições científicas, os organismos internacionais e as políticas climáticas passam a ocupar o lugar simbólico do "Grande Irmão". O efeito é duplo: de um lado, empresta legitimidade cultural ao argumento negacionista, associando-o a uma tradição crítica reconhecida; de outro, dispensa a necessidade de demonstração empírica, já que a distopia não precisa ser provada, apenas reconhecida e sentida. Como aponta Nemer (2018), a desinformação opera com maior eficácia quando encontra no receptor uma infraestrutura afetiva e simbólica já preparada para recebê-la; utilizar como recurso Orwell e Huxley é a ativação dessa infraestrutura.

6 A MATERIALIDADE DA LÍNGUA: METÁFORAS E OPACIDADE

A materialidade da linguagem, apontada por Orlandi (2005) como um conceito central na análise de discurso, pode se revelar nas escolhas que estruturam os sentidos produzidos no discurso negacionista climático analisado. Na AD a linguagem não é neutra nem transparente: ela carrega marcas históricas, sociais e ideológicas. Isso faz com que os sentidos nunca sejam únicos ou fixos, mas sempre abertos a diferentes interpretações. Por isso, as metáforas desempenham papel estratégico na construção de significados, operando por deslocamentos e transferências semânticas. Expressões como “terra vira uma bola de sorvete” ridiculariza conceitos científicos, enquanto termos como “cortina de fumaça” e “batalha espiritual” deslocam o debate para o campo moral, religioso e geopolítico, reforçando a ideia de manipulação e controle. Essas escolhas linguísticas evidenciam a tentativa de desqualificar o discurso científico por meio da criação de caricaturas e da ironia.

Além do uso de metáforas, percebe-se uma reconfiguração de sentido, onde o CO₂, historicamente associado ao aquecimento global, é apresentado como ‘o gás da

vida'. Essa narrativa desconsidera que a poluição se caracteriza justamente pelo excesso de diversas substâncias, como o CO², que geram desequilíbrios ambientais e consequências amplamente estudadas por vários pesquisadores. Trata-se de uma estratégia discursiva que minimiza os impactos climáticos e distorce consensos científicos. Termos como 'novo normal', originalmente vinculados ao contexto da pandemia, também são deslocados para sustentar uma narrativa conspiratória global. Tais estratégias demonstram como a materialidade da língua opera na construção de sentidos ideologicamente orientados, sustentando a negação da crise climática.

A textualização do político no discurso negacionista climático revela como as relações de poder são simbolizadas e disputadas. O discurso constrói um inimigo externo, representado por figuras como o globalismo, a nova ordem mundial, a imprensa e grandes corporações, para unificar os interlocutores em torno de uma narrativa de resistência. A temática do controle e submissão aparece como uma ameaça à soberania nacional, e às escolhas individuais, com acusações de imposição de políticas alimentares, culturais e sanitárias por organismos internacionais.

Além disso, surge a ideia da criação de um novo homem, moldado por práticas de engenharia social, com mudanças forçadas nos hábitos alimentares, como comer insetos, e arranjos culturais e de consumo. Por fim, o discurso articula questões como a ideologia de gênero e o pronome neutro ao debate climático, apontando-as como expressões de um suposto avanço do subjetivismo, onde o controle discursivo impede o contraditório e naturaliza uma verdade inquestionável.

7 CONSIDERAÇÕES

Diante da urgência da crise climática, compreender como as narrativas negacionistas ganham força no debate público é fundamental. Este artigo partiu de um olhar mais amplo sobre os impactos das mudanças climáticas e percorreu o caminho que liga ciência, política, economia, consumo e comunicação. A análise de discurso realizada, mostra que o negacionismo climático vai além de uma simples diferença de opinião. Trata-se de um modo de construir o discurso, com intenções e sentidos influenciados por interesses políticos e sociais. A linguagem usada carrega escolhas que

criam inimigos, reforçam posições e dão aparência de verdade absoluta a certas ideias complexas, que parecem óbvias e de simples compreensão.

Os achados do estudo revelam que o discurso se estrutura a partir de estratégias, como o uso de metáforas desqualificadoras, a construção de inimigos simbólicos e a reconfiguração de sentidos científicos, promovendo uma polarização entre “conhecedores da verdade” e “manipuladores”. Fica clara também a apropriação estratégica da linguagem para produzir dúvida, deslegitimar instituições científicas e fortalecer posicionamentos ideológicos negacionistas.

Ao analisar como os discursos negacionistas são construídos e disseminados, fica evidente que a desinformação climática não é um fenômeno isolado, mas parte de um cenário maior de disputas por poder e controle de narrativas. Enfrentar a crise climática exige, portanto, não apenas ações estruturantes, mas também um esforço coletivo para fortalecer o acesso à informação de qualidade, combater a desinformação e ampliar o diálogo entre ciência e sociedade.

Nesse sentido, a educação midiática emerge como estratégias de resistência privilegiadas ao cenário descrito ao longo deste artigo. Se a desinformação climática opera, como demonstrado, por meio de formações discursivas que reconfiguram sentidos, desqualificam instituições e constroem inimigos simbólicos, o antídoto não pode ser apenas a produção de mais dados científicos, mas sim o desenvolvimento de sujeitos capazes de analisar e questionar criticamente os discursos que consomem. Nemer (2018) aponta que a infraestrutura humana das fake news pressupõe uma audiência predisposta à recepção acrítica; Pinto et al. (2024) corroboram ao demonstrar que os argumentos de falsos especialistas reverberam nos comentários justamente entre públicos com menor repertório para identificar estratégias retóricas.

Diante disso, articular competências midiáticas à comunicação científica, reforçando e ensinando não apenas o quê a ciência diz, mas como o discurso funciona e a serviço de quem opera, tornam-se indispensáveis. A análise de discurso, nesse contexto, não é apenas ferramenta acadêmica, mas serve também como uma ótica crítica, capaz de fornecer a sociedade os instrumentos necessários para reconhecer, nas estratégias narrativas, os mecanismos de manipulação que sustentam o negacionismo climático (ORLANDI, 2005; URBANO et al., 2024).

Destaca-se como recomendação para futuras pesquisas a necessidade de aprofundar o debate sobre as estratégias de circulação e recepção dos discursos negacionistas, especialmente no ambiente digital, onde a desinformação se espalha com rapidez e alto alcance. Investigar como diferentes públicos interpretam essas narrativas pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de comunicação científica mais eficazes.

Por fim, fica uma reflexão, para cientistas e acadêmicos de todas as áreas que querem construir diálogos com o tema, pensando na construção de um futuro para o nosso planeta: “Não adianta querer simplificar e levar para o simplismo coisas que são muito complexas. Temos de aprender a traduzir a complexidade para toda a população explicar o que é possível afirmar e o que não é possível afirmar” (NOBRE et al., 2012, p. 32). Tornar a ciência mais compreensível, acessível e conectada com as experiências cotidianas da sociedade pode ser um passo fundamental para reconstruir a confiança social e enfrentar, de forma mais efetiva, a desinformação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. H. (2019). Globalismo: uma visão a partir do pensamento de Nietzsche. *Cadernos de Política Exterior*. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.

COOK, J., SUPRAN, G., LEWANDOWSKY, S., ORESKES, N., & MAIBACH, E. (2019). *America Misled: How the fossil fuel industry deliberately misled Americans about climate change*. Fairfax, VA: George Mason University Center for Climate Change Communication.

DEMARCHI, J. (2025) Ideias para adiar o fim do mundo. *Le Monde Diplomatique Brasil*. <https://diplomatique.org.br/ideias-para-adiantar-o-fim-do-capitalismo-ailton-krenak-nego-bispo/>

FONTENELLE, I. A. (2023). Dilemas éticos na cultura do consumo: Antropoceno, psicanálise e capitalismo como modo de operação das paixões. *Estudos Avançados*, 37(107), 319-334. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.019>

FONTENELLE, I.A. (2017) *Cultura do Consumo*. São Paulo: Editora FGV.

FRASER, N. (2024). *Capitalismo Canibal*. Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito. São Paulo: Autonomia Literária.

GRECH, V. (2017). Fake news and post-truth pronouncements in general and in early human development. *Early Human Development*, 115, 118–120. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2017.09.017>

- HARVEY, D. (2011). *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.
- HISTORY of the IPCC. (2025). *Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC*.
<https://www.ipcc.ch/about/history/>
- IGINI, Martina. (2025) *36 Fossil Fuel Giants Responsible For Half of World's CO2*. *Earth.org*.
https://earth.org/36-fossil-fuel-giants-responsible-for-half-of-worlds-co2-emissions-report/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 01 nov. 2025.
- JESUS-SILVA, T. H. de. (2024). Desinformação e economia política nas plataformas digitais. *Lumina*, 18(3), 117–134. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2024.v18.44963>
- LEISEROWITZ, A. A., MAIBACH, E. W., ROSER-RENOUF, C., SMITH, N., & DAWSON, E. (2012). Climategate, Public Opinion, and the Loss of Trust. *American Behavioral Scientist*, 57(6), 818-837. <https://doi.org/10.1177/0002764212458272>
- NEMER, D. (2018). The Human Infrastructure of Fake News in Brazil. The Human Infrastructure of Fake News in Brazil. *Social Science Research Council*, Items.
<https://items.ssrc.org/extremism-online/the-human-infrastructure-of-fake-news-in-brazil/>
- NOBRE, C., Reid, J., & Veiga A. (2012). *Fundamentos científicos das mudanças climáticas*. São Paulo: Rede Clima/INPE.
- ORLANDI, E. P. (2001). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos Da Língua(gem)*, 1(1), 9–13. <https://doi.org/10.22481/el.v1i1.973>
- PINTO, C. E. B., SILVA, D., SANTOS, M. L., MEDEIROS, P. M., SALLES, D. G., SANTINI, R. M. (2024). Negacionismo climático no youtube: como argumentos de falsos especialistas repercutem nos comentários da audiência. *Anais do 33º Encontro anual da COMPÓS*.
<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/negacionismo-climatico-no-youtube-como-argumentos-de-falsos-especialistas-reperc?lang=pt-br>
- PÊCHEUX, M. (2008) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores.
- SANTINI, Marie; SALLES, Débora; SANTOS, Marina; SANCHOTENE, Nicole; MELO, Bianca; DIAS, Julia; MAGALHÃES, Thamyres; SCORTEGAGNA, Vinícius; FERREIRA, Fernando; MATTOS, Bruno; BORGES, Amanda; YONESHIGUE, Bernardo. (2025). *Greenwashing na transição energética: Como anúncios no LinkedIn distorcem o debate climático e legitimam práticas insustentáveis*. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- SASSEN, S. (2016) *Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- SUPRAN, G., & ORESKES, N. (2021). Rhetoric and frame analysis of ExxonMobil's climate change communications. *One Earth*, 4(5), 696-719.
<https://doi.org/10.1016/j.oneear.2021.04.014>

THALER, A. D., & SHIFFMAN, D. S. (2015). Fish tales: Combating fake science in popular media. *Ocean & Coastal Management*, 115, 88–91. <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2015.04.005>

URBANO, K., OLIVEIRA, T., EVANGELISTA, S., & E MASSARINI, L. (2024). Mapeando a desinformação sobre o meio ambiente na América Latina e no Caribe: uma análise bibliométrica de um campo incipiente de pesquisa. *JCOMAL* 7(01), A02. <https://doi.org/10.22323/3.07010202>

WORLD Economic Forum (2025). *Global Risks Report 2025* (20th ed.). <https://www.weforum.org/reports/global-risks-report-2025/>

Original recebido em: 28 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 08 de abril de 2026

Tamara Hashimoto Natale De Moraes

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, bolsista CNPq, integrante da Cátedra Maria Aparecida Baccega e do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literacia Digital e Consumo (CLIC). Pesquisadora nas linhas de comunicação, sustentabilidade consumo e estudos de futuros.

Egle Müller Spinelli

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP. Coordenadora da Cátedra Maria Aparecida Baccega e do Grupo de Pesquisa Comunicação, Literacia Digital e Consumo (CLIC).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional